

BOURDIEU E A RAINHA VERMELHA

BOURDIEU AND THE RED QUEEN

ROSSI, Samuel Quinaud

Universidade Federal de São João del-Rei

samuel-qr@hotmail.com

RESUMO Perpassando pelas ciências naturais e sociais, o presente texto tem como objetivo propor uma reflexão sobre a aplicabilidade da “Hipótese da Rainha Vermelha”, de Leigh Van Valen, no meio educacional, a partir da ideia de “translação global das distâncias” elaborada por Pierre Bourdieu. Tem-se aqui que, assim como no meio natural os organismos coevoluem a partir de uma pressão competitiva, os indivíduos pertencentes às classes sociais passariam por um processo semelhante. O que no primeiro caso ocorreria a partir de mudanças genéticas que resultariam em adaptações ao ambiente, no segundo, analogamente, se daria a partir de aquisições de títulos escolares. Em ambos os casos essa coevolução seria resultado de uma “deterioração do ambiente”, onde no meio natural estaria ligada a uma redução dos recursos disponíveis (alimentares, p. ex.) em virtude da competição entre os organismos; ao passo que no meio social essa deterioração resultaria de uma “inflação dos títulos escolares”, também ligada à competição.

Palavras-chave: Hipótese da Rainha Vermelha. Translação global das distâncias. Inflação dos títulos escolares.

ABSTRACT - Walking along the natural and social sciences, this paper aims at proposing a reflection on the applicability of the "Red Queen Hypothesis", by Leigh Van Valen, in the educational environment, from the idea of "global translation of distance ", elaborated by Pierre Bourdieu. It is here that, like the wild organisms coevolve from competitive pressure, individuals belonging to social classes would undergo a similar process. What would happen in the first case from genetic changes that result in adaptations to the environment in the second, similarly, would occur from purchases of academic degrees. In both cases this coevolution would result from an “environmental degradation”, where the natural environment would be linked to a reduction of resources available (food, e.g.) because of competition between organisms; while in the social this deterioration would result from an "inflation of academic degrees”, also linked to the competition.

Keywords: Red Queen Hypothesis. Global translation of the distances. Inflation of academic degrees.

1 DE CARROLL A VAN VALEN...

Em 1871, Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll, publicou o livro “Alice no país do espelho”, uma continuação de sua célebre obra de 1865, “Alice no país das maravilhas”. Com sua narrativa pitoresca e, por vezes, bizarra, de personagens perturbadores e inesquecíveis, Carroll marcou a literatura definitivamente. Entretanto, para além do fértil imaginário do autor, suas colaborações ultrapassaram o campo literário, perpassando campos tão longínquos quanto o País do Espelho.

Em peculiar passagem do citado livro (1933:31-32), um diálogo entre as personagens Alice e Rainha Vermelha, serviu (e continua a servir) de base reflexiva para pensadores através das gerações e das mais variadas áreas de conhecimento.

— Agora! Mais depressa ainda! exclamou a Rainha, aumentando ainda mais a velocidade. Mais voavam que corriam. Seus pés mal tocavam o solo. Súbito a Rainha parou e Alice, totalmente sem fôlego, viu-se quase desmaiada no chão. A Rainha encostou-a a uma árvore, dizendo com carinho: “Pode descansar um bocado agora”.

Olhando em torno teve Alice uma grande surpresa. “Como isto?” perguntou. “Estamos sempre debaixo da mesma árvore. Parece que não saímos do ponto onde estávamos. Não noto mudança nenhuma”.

— Está claro! disse a Rainha. Para que mudanças?

— Na minha terra, replicou Alice ainda arquejante, quem corre como nós correremos chega sempre a um ponto diferente daquele donde partiu.

— Deve ser uma terra muito lenta essa! comentou a Rainha. Aqui é preciso correr como correremos para ficar-se no mesmo ponto. Para mudarmos de lugar seria preciso que corrêssemos o dobro.

Correr, correr, e permanecer no mesmo lugar. Quantas indagações podem ser feitas a partir deste pensamento? Quantas mentes podem ser influenciadas? Quantas descobertas podem ser geradas? Certamente, Carroll não poderia imaginar que sua criatividade pudesse influenciar profundamente, também, a ciência.

Indo do País do Espelho ao complexo e misterioso mundo que dá forma à ciência que se ocupa em desvelar a vida, é possível encontrar “contribuições” do fantasioso diálogo a pensadores da biologia, mais especificamente àqueles voltados à evolução orgânica.

Caso representativo é o do biólogo evolutivo americano Leigh Van Valen que, partindo do fenômeno de competição existente entre as espécies, propõe em 1973 a *Hipótese da Rainha Vermelha*. O pesquisador utilizou a metáfora de uma “corrida armamentista” em que os organismos coevoluem a fim de conseguirem se manter no ecossistema. Em termos mais técnicos, Ridley (2004:656-657) explica que Van Valen, a partir de seus estudos baseados “em medidas de duração [sobrevivência] de 24 mil táxons”¹, inferiu “que a macroevolução é moldada não apenas pela coevolução, mas por um determinado modo de coevolução chamado de modo “Rainha Vermelha””.

Em outras palavras, se as melhorias originárias das sucessivas reproduções trazem vantagens seletivas para determinado organismo, então este terá maiores condições de adaptação e competição que as demais espécies. Van Valen parte, então, do princípio de que organismos sujeitos à pressão competitiva têm o aumento de sua capacidade de competição como única chance de permanecerem vivos. Desta forma, estes organismos estariam constantemente coevoluindo, porém, permanecendo no mesmo lugar.

Ridley (2004:658) nos mostra, porém, duas possíveis formas que tal processo coevolutivo pode ocorrer no meio natural, a ponto de alcançarem um *equilíbrio*, a partir da competição entre duas espécies.

Duas espécies (A e B) que irão coevoluir terão, momento a momento, uma determinada condição relativa de adaptação. Uma possibilidade é que uma das espécies, como a A, tenha adaptações superiores. Nesse caso, a espécie B encaminha-se para a extinção, a menos que consiga alcançar logo um nível melhor de adaptação. (...) Alternativamente, as espécies A e B podem estar em algum tipo de equilíbrio. Podemos distinguir dois tipos. Um deles é o estático. As espécies competidoras evoluíram para um conjunto de condições ótimas e então simplesmente ali permanecem. Esse pode ser um tipo freqüente de coevolução. Se um organismo puder ter uma forma ótima para competir com os membros da outra espécie, sua espécie evoluirá para tal forma e daí sua evolução cessará. O outro tipo de equilíbrio é o dinâmico. Esse é o equilíbrio *Rainha Vermelha*. Em vez de evoluir para uma condição ótima e ali ficar, esse resultado surge quando sempre é possível uma melhora adaptativa e a espécie evolui continuamente para alcançar aquele melhoramento. (...) No modo Rainha Vermelha de coevolução, a seleção natural atua continuamente em cada espécie, para que ela enfrente os melhoramentos apresentados pela espécie competidora (...).

¹ Táxons são as unidades utilizadas no sistema de classificação dos seres vivos, como, por exemplo, espécies, gêneros e/ou famílias.

Um importante aspecto ressaltado por Van Valen estaria em um fator inerente ao processo coevolutivo, que se daria pela disputa entre os organismos competidores. Para ele, novas adaptações resultariam em uma *deterioração do ambiente*, justamente pela maior competitividade adquirida e a conseqüente capacidade de obtenção de recursos.

Esse aumento será sentido pelos seus competidores como um decréscimo equivalente nos recursos disponíveis para eles. A pressão da seleção para que eles melhorem aumentará em quantidade proporcional à da perda de recursos causada pela melhoria de seu competidor. Então, eles tenderão a melhorar sua capacidade competitiva e a reconquistar o terreno perdido para o competidor (Ridley, 2004:659).

Neste ponto poderemos iniciar a nossa transposição de campos.

2 ... E DE VAN VALEN A BOURDIEU

Assim como o diálogo criado por Lewis Carroll cruzou distantes fronteiras, a hipótese evolutiva criada por Leigh Van Valen também parece ser capaz. Ultrapassando o campo das ciências naturais e indo ao encontro das ciências sociais, levamos a Rainha Vermelha para o campo educacional e trataremos de experimentar como aquela hipótese se comporta neste meio.

Podemos encontrar uma correlação da hipótese apontada anteriormente com um dos focos de estudo do filósofo francês Pierre Bourdieu. Para este pesquisador as classes sociais estariam em uma constante disputa, que se daria não só no campo econômico, mas também, por exemplo, no campo cultural.

Os indivíduos que, de alguma forma, se envolvem com bens culturais considerados superiores, ganham prestígio e poder, seja no interior de um campo específico, seja na escala da sociedade como um todo, pode-se dizer que, por meio desses bens, eles se distinguem dos grupos socialmente inferiorizados (Nogueira; Nogueira, 2009:35).

Em analogia ao capital econômico, Bourdieu utiliza o termo *capital cultural*, ampliando a visão de “capital” para além do valor econômico. Ao fazer isto, enxerga que os indivíduos que produzem, possuem, apreciam ou

consomem bens culturais socialmente dominantes, fariam posse de certo poder.

Para Bourdieu (1998:74) o capital cultural pode existir sob três formas: *no estado incorporado, no estado objetivado, e no estado institucionalizado*, que, como afirma Silva (2010:34), pode se expressar, também, sob a forma de títulos, certificados e diplomas.

Considerando o quadro social, em que as exigências para a entrada no mercado de trabalho se tornaram crescentemente elevadas, Lahire (1997:256) considera que, para o conjunto dos grupos sociais, o diploma se torna condição cada vez mais necessária.

Todavia, como provável consequência desta estrutura social, dar-se-ia início a um mercado de títulos escolares em que seus valores variariam em função de uma “maior ou menor oferta no mercado escolar” (Nogueira; Nogueira, 2009:55).

Quanto mais amplo for o acesso a um título escolar, maior a tendência a sua desvalorização. Esse fenômeno de massificação/banalização do diploma (associado à extensão de certos bens escolares a públicos anteriormente deles excluídos) e de sua correlativa perda de valor, Bourdieu chamou de “inflação de títulos escolares” (Nogueira; Nogueira, 2009:55-56).

Bourdieu, ao focar nas classes sociais e na reprodução de suas intrínsecas desigualdades através da escola, acredita que por meio desta inflação e do correspondente aumento das taxas de escolarização, tende-se a um processo competitivo entre os grupos sociais pela posse do capital cultural e escolar, originando aquilo que ele chamou de “translação global das distâncias”.

É preciso notar ainda que o crescimento das taxas de escolarização e sua extensão a novas clientelas faz acirrar a concorrência entre os grupos sociais pela posse do capital escolar e cultural. A principal consequência disso, no plano das desigualdades, reside no fato de que antigos detentores desses bens tenderão a deslocar suas estratégias escolares (estudos de graduação, pós-graduação, etc.), seja em direção a estabelecimentos, ramos de ensino ou tipos de escolarização mais seletivos ou mais raros (estabelecimentos de excelência, escolas internacionais ou bilíngües, estudos no exterior, por exemplo), dos quais procuram deter a exclusividade (Nogueira; Nogueira, 2009:56-57).

Desta forma, por mais que os sujeitos “corram”, se escolarizem em níveis cada vez mais altos, “as distâncias que separam os diferentes grupos sociais, em termos culturais e escolares, manter-se-iam e reconstituir-se-iam incessantemente, embora em patamares variados” (Nogueira; Nogueira, 2009:57).

Torna-se surpreendente o encaixe entre os autores analisados no presente artigo. O próprio Bourdieu reconhecia uma *corrida* entre classes em suas análises sociológicas.

(...) todas as vezes em que as forças e os esforços de grupos em concorrência, por determinada espécie de bens ou de diplomas raros, tendem a se equilibrar como numa *corrida* onde, ao termo de uma série de ultrapassagens e de ajustamentos, as distâncias iniciais encontrar-se-iam mantidas, isto é, todas as vezes em que as tentativas dos grupos inicialmente mais desprovidos para se apropriarem dos bens ou dos diplomas até aí possuídos pelos grupos situados imediatamente *acima deles* na hierarquia social ou imediatamente *à sua frente* na corrida, são quase compensados, em todos os níveis, pelos esforços que fazem os grupos mais bem colocados para manter a raridade e a distinção de seus bens e de seus diplomas (Bourdieu, 1998:177).

À semelhança da corrida armamentista de Van Valen, e da pressão exercida pela competição sobre os organismos, no meio social encontramos uma “corrida instrumentalista” nas classes sociais no que diz respeito à posse de títulos escolares.

Segue-se que todos os grupos que estão engajados na corrida, qualquer que seja a fila, só podem conservar a posição, sua raridade, seu posto, com a condição de correrem para manter a distância em relação àqueles que os seguem imediatamente, e de ameaçarem assim com *sua diferença* aqueles que os precedem (...) (Bourdieu, 1998:178).

Seria interessante observar que, assim como no meio natural a redução dos recursos alimentares, em decorrência da intensa competição, causaria a “deterioração do ambiente”, no meio social a “inflação dos títulos escolares” seria o ponto de partida para um processo semelhante. Os títulos mais raros só teriam valor justamente por sua raridade, mas a partir do momento que se tornam acessíveis a uma parcela maior da população, passam a ser tidos como desvalorizados. Tal fator resultaria no dinamismo desse ambiente, onde o

alcance de maiores níveis de escolarização por parte dos grupos de topo levaria a uma redução de igual magnitude no *fitness* (performance) das demais classes sociais.

Podemos caracterizar esse cenário de intensa competição e busca por melhores condições de adaptação como um ambiente em “equilíbrio dinâmico”, ou equilíbrio *Rainha Vermelha*, assim como Van Valen definiu determinados fenômenos no ambiente natural. A competição social exerceria pressão análoga àquela do meio natural, induzindo à “coevolução” dos indivíduos pertencentes às classes sociais, com o intuito de se buscar a redução, ou o equilíbrio, das distâncias educacionais que os separam. Sendo assim, as classes estariam constantemente em busca por um aperfeiçoamento de seu capital escolar e cultural, onde precisariam estar sempre se escolarizando para permanecerem sempre no mesmo lugar, na mesma condição.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se evidente que seria necessária uma análise mais aprofundada sobre as diferentes disputas que ocorrem entre as classes sociais, uma vez que podem haver múltiplas formas de competição nesse meio, a começar entre os componentes da classe média. Entretanto, o presente trabalho não teve como pretensão o aprofundamento da transposição das teorias, e, sim, a sua reflexão, onde verificou-se a possibilidade, ao menos do ponto de vista teórico, de se iniciar discussões sobre as relações entre a “Hipótese da Rainha Vermelha” e a “translação global das distâncias”, a partir da “coevolução” das classes sociais e sua inerente estagnação no quadro da competição educacional.

SAMUEL QUINAUD ROSSI

Estudou Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado) na Universidade Federal de São João del-Rei, onde atualmente é mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares. Possui interesse Divulgação Científica e Ensino de Ciências, e experiência no desenvolvimento de materiais didáticos alternativos em

Educação para a Saúde. Atualmente a Educação Ambiental é o objeto de sua pesquisa de mestrado, concentrando seus estudos nas seguintes temáticas: EA formal; ações governamentais; e Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Classificação, Desclassificação, Reclassificação. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs). *Escritos da educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 145-183.

CARROLL, L. *Alice no país do espelho*. 1.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. 125 p.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997. 367 p.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. *Bourdieu & a educação*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 149 p.

RIDLEY, M. *Evolução*. Tradutores Henrique Ferreira, Luciane Passaglia, Rivo Fischer. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 752 p.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 154 p.